

## LITERATURA, CULTURA E CIDADE EM *LUNARIS* DE CARLOS RIBEIRO

Arolda Maria da Silva Figuerêdo

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Washington Luis Lima Drummond

*Resumo:* Neste trabalho pretende-se compreender a poética do caos desenvolvida por Carlos Ribeiro, em *Lunaris*, obra literária que explora as relações do homem na contemporaneidade dentro do espaço urbano. A obra, *Lunaris*, é escolhida para uma seleção de cenas que permitam a compreensão do caos e sua força demolidora das subjetividades do humano e das instâncias que se querem reguladores do urbano. Frente a um mundo urbano racionalizado por parte de suas forças constituintes (urbanismo, segurança, governança etc.) e homogeneizantes foca-se, então, em investigar os comportamentos heterogêneos e demolidores do homem e de sua cultura sob a exegese da polis contemporânea. Com ênfase nos estudos sobre literatura e cidade, produção cultural e modos de vida, através da poética do caos apresentada por Carlos Ribeiro, em seu discurso literário. Mobilizando os postulados de Burke (2010), Chauí (2005), Dalcastagnè (2003), Geertz (1989), Martin-Barbero (1997), Schollhammer (2009), Thompson (1995) dentre outros.

*Palavras-chaves:* Literatura. Cidade. Contemporaneidade. Cultura

### UM BREVE VOLEIO PELA IDEIA DE CULTURA

É importante ressaltar que foi a Antropologia enquanto área da ciência quem primeiro trouxe a temática da cultura para a centralidade das discussões. Isso lhe garante uma apropriação da temática numa escala evolutiva de compreensão e análise conceitual por seus pares a partir do século XIX, a partir de uma visão arqueológica do tema, buscando compreendê-lo ao longo da história.

Daí a compreensão de cultura sofre uma série de mudanças ao ser estudada e debatida dentro deste campo do conhecimento. Jonh B. Thompson (1995) em *Ideologia e Cultura Moderna*, traz que “o estudo das formas simbólicas geralmente tem sido feito sob a rubrica do conceito de cultura” aspecto gerador de muitas discussões quanto ao significado. Mas também promissor quanto ao entendimento da importância e valoração dos “fenômenos culturais para as ciências sociais”.

O autor reforça inclusive a ideia de que a vida social não se compõem apenas de objetos e fatos, mas que também “é uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem”.

Dessas colocações compreende-se que neste caso o conceito de cultura não se prende aos estudos apenas no campo da Antropologia, mas que volta-se também para apreciação e investigação de outras disciplinas como a Sociologia, a História, a Crítica Literária e a Cultura Popular. Fato que em muito colabora para evidenciar o alcance do objetivo aqui proposto.

Nesse sentido se entende que a cultura simbólica, é aquela que considera que todos os seres humanos têm a capacidade de criar símbolos. Tais símbolos se expressam em práticas culturais diversas, como nos dogmas, costumes, culinária, modos de vestir, crenças, criações tecnológicas e arquitetônicas, e também nas linguagens artísticas (teatro, música, artes visuais, dança, Literatura, circo, etc.) Assim, essa dimensão está relacionada às necessidades e ao bem estar do homem enquanto ser individual e coletivo.

Lembrando que a mesma pertence ao Eixo I das metas do Plano Nacional de Cultura de 2012 (Brasil) – Produção Simbólica e Diversidade Cultural que tem como foco a produção de arte e de bens simbólicos, promoção de diálogos interculturais, formação no campo da cultura e democratização da informação.

Quanto à linha conceitual de cultura iniciada por Thompson (1995), observa-se que a mesma também abarca uma discussão acerca das mutações sofridas por esse conceito ao longo da sua história. Iniciando-se esse caminho com a ideia da mesma ser compreendida como cultivo (de grãos ou animais). E por ser um período histórico em que o fazer humano ligava-se a terra, revela-se aí a vertente referendada na produção de alimentos, lida diária do homem de observar e entender a natureza e suas manifestações climáticas, para tirar proveito desse conhecimento a seu favor melhorando o seu cultivo e sua subsistência. Nesse sentido o fazer cultural estava centrado na relação humana que se dava no espaço rural porque era esse espaço detinha o poder dentro da sociedade.

Aspecto que Peter Burke (2010, p. 58) em sua obra *Cultura Popular Na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. Na parte intitulada *Em busca da Cultura popular*. A cultura surge de todo um modo de vida, e os camponeses dos inícios da Europa moderna não tinham um modo de vida uniforme. [...] Não eram socialmente homogêneos. Alguns eram livres outros eram servos. [...] Existiam camponeses ricos e pobres. [...].

Seguindo o pensamento de Burke, depreende-se que esta cultura surge das várias formas de vida campesina e daí ela estar ligada as diferenças ecológicas e sociais, o que traz implicações nas materializações dos feitos culturais e nas posturas diferenciadas. Havendo por exemplo traços distintos entre as produções dos homens das montanhas em relação aos das planícies, dos pastores, dos mineiros, etc. Interessante notar que nesta fase pobres e ricos da zona rural bebiam da mesma fonte cultural sem estabelecerem diferenças pelas classes, que ocupavam. Porém, observando que para os descobridores da Cultura Popular, “o povo” eram os camponeses que formavam de 80% a 90% da população da Europa.

Thompson (1995) chamou a atenção também para o fato de o conceito de cultura evoluir para a esfera do desenvolvimento humano, onde o foco passa a ser “o cultivo de mentes”. Assim, cultura sai da linha do trabalho braçal para o intelectual, que passa a ser sinônimo de civilização, que por sua vez se desdobra na ideia de refinamento comportamental e produção do intelecto. Mas evolui para a produção intelectual mais elaborada, o gosto pela arte e o conhecimento necessário para apreciá-la e produzi-la e ainda busca espiritual. Havendo, então, um entendimento de que ao se tornar culto o homem se avizinharia da sabedoria.

Nesse sentido Burke aponta que foi no final do século XVIII que o “povo” (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Ressaltando que esse momento histórico apoia-se nas ideias iluministas, que reforça um pensamento mais racional que emocional. Pois a ideia de civilização refere-se a padrão de vida civil, vida política e regime político.

A cultura nesse contexto passa a ser o padrão, o critério que mede o grau de civilização da sociedade, passando a ser vista como um conjunto de práticas no campo das artes, ciências, técnicas e os ofícios. Além de ter adquirido o aspecto do tempo preciso, contínuo, linear e evolutivo. O que certamente, traz reflexos até a atualidade por introduzir a ideia de cultura como sinônimo de progresso. Orientação que em muito passa a caracterizar o espaço urbano pelo viés da concorrência em todos os níveis e graus.

Dessa forma, para esse trabalho escolhe-se uma trajetória teórica de estreitamento dos laços dialógicos entre os estudos antropológicos e o da Cultura Popular e de Massa. Com a intenção de se traçar um veio arqueológico do conceito que permita compreender os efeitos operados na abertura discursiva da obra literária aqui estudada, ao perceber que a Europa capitalista passa a ser tomada como régua e compasso modelizante aos outros povos, inclusive da América Latina.

Nessa perspectiva, depreende-se que ao incorporar-se a Antropologia esse conceito sofre algumas alterações, desligando-se das suas raízes etnocêntricas e se firmando nas descrições etnográficas. Dentro dessa nova abordagem o conceito passa a ser usado de diferentes formas em distintas concepções, porém recorta-se nesse trabalho para a esfera da concepção simbólica apresentada por Thompson (1995). Quando traz:

[...] o uso de símbolos é um traço distintivo da vida humana. [...], somente os seres humanos, afirmou-se, desenvolveram, com precisão, linguagens em virtude das quais expressões significativas podem ser construídas e trocadas. Os seres humanos não apenas produzem e recebem expressões linguísticas significativas, mas também conferem sentido a construções não-linguísticas – ações, obras de arte, objetos materiais de diversos tipos.

Vale ressaltar que para o trabalho que ora se estrutura, far-se-á um recorte dentro desta escala evolutiva e se deterá na parte teórica que se localiza no século XX, entretanto, seleciona-se

inicialmente aquelas que têm como características o trabalho antropológico voltado para a pesquisa de campo e o estudo realizado acerca da cultura como uma forma do saber que se avoluma com o tempo dentro das comunidades e são usados nos repasses às gerações futuras.

Nesse grupo ressaltam-se as discussões trazidas por Bronislaw Malinowski (1975) no texto o que é cultura, para ele a cultura assume um conceito que se abeira da ideia ser funcional, isto é, a cultura está ligada às necessidades do homem. Necessidades no campo da higiene, da acomodação, da proteção do corpo, etc. Porque nessa abordagem o entendimento se estende à ideia do consumo e se firmará principalmente na análise do espaço urbano, onde as demandas do consumo são mais expressivas e usuais. Daí sua importância nesse levantamento de estudos antropológicos capazes de inferirem na discussão que ora se desenvolve.

O entendimento da cultura dentro da linha do pensamento hermenêutico e hierarquizante de sentidos é uma parte das abordagens antropológicas que mais, se estreita ao objetivo deste trabalho, e para tanto dar-se-á maior enfoque aos postulados de John B. Thompson, como já expostos anteriormente e Clifford Geertz (1989), por preocupar-se com a interpretação das culturas e o saber local. Porque ao abordar e entender a cultura como sendo um *contexto* na perspectiva da construção de significados, tomam-se então as narrativas de registro testemunhal dos modos de vida como prática resultante da articulação das memórias culturais que são expressas de forma simbólica ligadas ao contexto em que ganharam forma. Visto que para esse autor o conceito de cultura é posto

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível- isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p. 24).

Apoiando-se nesta abordagem é possível compreender que aquilo que se produz, evidencia as vivências culturais e seus significados dentro do grupo a que pertence, por isso mesmo passa a representar as formas do sentir dos sujeitos ali envolvidos. Pois, entende-se que é preciso interpretar a cultura para daí depender os seus significados. Dessa forma o autor defende um conceito de cultura alicerçado na semiótica. Área do conhecimento que prima pelos sentidos textuais, tomados aqui como objeto de apreciação pelo viés da produção literária.

Para Geertz (1989), a pesquisa antropológica é muito mais interpretativa que observadora, nesse caso então o autor permite pensar que no exercício do trabalho etnográfico o pesquisador trará em sua escrita muito mais daquilo que percebeu do que observou, já que a interpretação resulta de observação da realidade e análise dos dados recolhidos. No que se aproxima e assemelha

ao feito do literato que depreende da realidade uma série de elementos que são analisados e interpretados através da escrita artística.

Geertz (1989), com sua teoria, também contribui para esse pensamento quando diz que “fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”.

Para por fim puxa-se para a roda de contribuições as incursões daqueles teóricos que integram Antropologia Pós-Moderna ou Crítica os quais abordam sobre os recursos retóricos presentes nos textos etnográficos que trazem a cultura como um processo polissêmico e o etnográfico como uma representação polifônica da polissemia cultural e a antropologia como experimentação.

Já pelo lado da cultura popular seguindo a visão dada por Marilena Chauí (2005), quando discute a dimensão humana da cultura e observa que a linguagem e o trabalho revelam que a ação humana não pode ser reduzida à ação vital, porque há um sentido que define o homem como agente histórico. E esse o espírito que irá conduzir o pensamento antropológico do século XX, parte em que foi feito o recorte acima descrito.

Pois é dentro dessa perspectiva que a cultura passa a ser compreendida com o campo em que os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos além de instituírem as práticas e os valores que definem para si mesmos. Todavia, é importante ressaltar que é no contexto do moderno que se desconhece a comunidade e pelo entendimento de modos de produção institui-se a sociedade, que traz em seu bojo a proposta de indivíduos existirem de forma separada pelos seus interesses e desejos.

Nessa visão de sociedade que se intui pelo contrato social firmado entre os indivíduos ocorre então, a divisão cultural que passa a ser denominada como dominante e dominada. Ou seja, Cultura formal e Cultura Popular respectivamente. Que se configuram como cultura do cânone de pretígio social e político e dos não canônicos ou marginais e marginalizados. Observando ainda que essa relação se dá de forma mais contundente dentro da cidade, palco da modernidade e consumo de representações.

## **O HOMEM E A CIDADE**

Ao perceber os desdobramentos ocorridos com o conceito de cultura, através da seleção apresentada acima, aqui de buscará observar a influência dessas faces da cultura para o

entendimento do conceito de cidade temática central da obra literária *Lunaris*, a qual se pretende uma linha de análise focada no trânsito discursivo apresentado pelo autor Carlos Ribeiro. Trânsito este que se passa a denominar como “poiética” e que se pretende localizá-lo dentro da caracterização da ficção brasileira contemporânea.

A partir desse enfoque inicia-se o propósito de compreender o homem no espaço urbano e suas relações sociais, culturais, sociais e pessoais, num primeiro momento em uma visão mais panorâmica de cidade e depois focada nas cenas registradas nas páginas da obra *Lunaris*, e suas ligações com a produção literária contemporânea.

Fabio Costa, Pedro Coulon e Olga M. A. Fonseca em seu texto O surgimento das Cidades no Oriente Próximo, abordam que a partir do momento em que o homem volta a sua atenção para a urbe, uma série de transformações ocorrem, por exemplo, a cultura passa a ser conceituada como civilização, o que aproxima o homem das exigências que este novo espaço lhe imprime.

Primeiro ligado à criação e produção de novas ferramentas de trabalho e a especialização em outras formas de trabalho que não o com a terra. Esse novo grupo de profissões relaciona-se inicialmente ao atendimento das necessidades básicas do ser humano como a produção de outros tipos de roupas e calçados mais adequados aos novos espaços que agora eram frequentados pelos que vieram da zona rural através do processo migratório denominado êxodo rural.

Houve também os que se preocuparam com a produção de armas, visto que essa nova modalidade de vida trazia-lhes o incômodo da violência entre grupos e indivíduos, principalmente marcada pela falta de acesso de alguns aos benefícios que a cidade lhes oferecia. Sem deixar de lado o avanço tecnológico que impunha a necessidade de trabalhadores que soubessem manusear os metais e transformá-los em objetos de uso humano. Nesse caso enquadraram-se a entrada nas fábricas e indústrias atraentes como formas de empregabilidade.

O trio de autores supracitados acima, também afirma que como esses atrativos citadinos provocaram uma vinda de muitas pessoas para o espaço urbano, naturalmente que houve um inchaço populacional e o agravamento de inúmeras dificuldades como locomoção, habitação, saúde e segurança. Os quatro pilares basilares e promotores da qualidade de vida primária. Além de permitir que os relacionamentos comerciais se estreitassem, mas as relações humanas calorosas se esfriasse devido à ideia do lucro e do status do viver bem.

Daí o surgimento das malhas ferroviárias e rodoviárias em atendimento aos deslocamentos de um local para outro, bem como o transporte de suas produções. Há também nesse interím a preocupação com a governabilidade e organização desse espaço além da busca por líderes religiosos

que ouvissem e orientassem principalmente os que ainda estavam deslocados e inadaptados a nova forma de vida.

A história mostra que essa visão de cidade inicial se desdobrou principalmente no século XX, quando se intensificou esse fluxo de pessoas no espaço urbano. Desse contingente se chegou a novos desenhos das cidades que passaram a serem denominadas como regiões metropolitanas, quando abarcam a união de dois ou mais municípios formando uma grande malha urbana, as quais são sediadas pelas Metrôpoles, além daquelas que se formam na união de duas ou mais regiões metropolitanas e são então chamada de Megalópolis. Naturalmente que nesses casos acontece a verticalização arquitetônica para dar conta de abrigar o maior número de habitantes em menor espaço territorial.

Ao traçar esse breve panorama histórico social acerca do homem e a cidade, entende-se que durante esse processo muitas foram as mutações dos dois, porque na medida em que o homem tenta se adaptar a essa modalidade de vida, sempre se depara com inúmeras novidades e necessidades, então se sua ação modifica o espaço este por sua vez o modifica também, então ocorre entre eles uma linha de força sempre em movimento evolutivo e/ou destrutivo.

Então, é importante observar que novas orientações culturais se formam ao se buscar novos jeitos de viver, novos de códigos e representações culturais são estabelecidos, o cultivo de mentes mais adequadas ao novo contexto social, econômico, político, as necessidades humanas passam a ser outras, novos sistemas e novos signos entrelaçados e se entrelaçando na provocação de outras interpretações, outras composições de códigos e formas simbólicas são criados, abrindo e ampliando o diálogo com os conceitos de cultura aqui articulados.

Nesse sentido Danilo Santos de Miranda em seu texto Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo, argumenta sobre a questão cultural na cidade dizendo que:

O espaço urbano é cada vez mais o espaço da cultura, o lugar onde florescem, desabrocham e fermentam as ideias contemporâneas, os valores de modernidade, a inovação e a criação, porque a cidade congrega, une e reúne, influencia, multiplica, combina e potencializa as várias sensibilidades e talentos

No entanto, como produção da alma humana, a cultura, no meio urbano das grandes metrópoles de países em desenvolvimento caótico, deteriorado, excludente, tenderá a produzir uma sensibilidade anárquica, que reflete todos os anseios do homem em todas as direções, em conflito ou harmonia aleatórios com as relações sociais circundantes. Uma cidade que oferece o caos e negligencia a necessidade de bem-estar geral da pessoa humana faz com que ela busque seu bem-estar na sombra dos arranha-céus e nos espaços deteriorados. A barbárie atual, apressada pela globalização, é a exacerbação daqueles aspectos do homem com que a cidade não fala, aquela parte de nós que não encontrou abrigo no meio urbano. MIRANDA, (s/d )

Concordando com o pensamento de Miranda é possível compreender que o espaço urbano abriga a condição de ser considerado como a primeira e decisiva esfera cultural do ser humano nos dias atuais, principalmente porque o seu número de habitantes corrobora para que essa afirmativa se corporifique e se desdobre em faces que vão do cultural ao multicultural pela heterogeneidade de atores sociais que se esbarram todos os dias. Ao mesmo tempo em que empurra o homem a estar sob a exegese da diversidade cultural.

A guisa de conceito a que melhor se adequa ao propósito deste texto em relação a cidade e quanto a abordagem da produção literária contemporânea, traz-se esse que foi usado no pavilhão israelense na Bienal de Arquitetura de Veneza no ano 2000, o qual diz: *A cidade é um habitat humano que permite que pessoas formem relações umas com as outras em diferentes níveis de intimidade, enquanto permanecem inteiramente anônimos.*

Com a cidade vista por este prisma, e relacionando a linguagem enquanto espaço de resistência, num processo de crítica aos padrões culturais que promovem e disseminam estereótipos, insere-se a escrita do romance de Carlos Ribeiro. Bem como, se repensa sobre a excludente seleção canônica e os valores nele atrelados, verificando o lugar que ocupam os escritos que procuram se distanciar do é colocado como modelo literário o que se mostra como relevante por focar esta uma apropriação contemporânea do romance dando-lhe novos propósitos.

E por se tratar de um estudo no campo dos estudos literários dentro da crítica cultural, adicionam-se as discussões apresentadas por Peter Burke quando o mesmo traça um perfil de cidade resultante dos contrastes. Espaço de muitas festas frequentes e variadas, mas, também onde se abriga minorias étnicas que ao se juntar e excluem os de fora. Embora o texto de Ribeiro não traga um perfil da minoria, aponta para o espaço citadino onde o homem comum se sente como um estranho, daí excluído por não participar ativamente daquilo que a cidade atual lhe oferece.

Aspecto bastante pontuado por Martin Barbero no texto “Modernidade e mediação de massa na América Latina: os processos: dos nacionalismos às transnacionais pertencentes à obra dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia”; obra em que se percebe uma intenção de analisar e discutir a cultura de massa *versus* cultura popular, a indústria cultural e o modo de vida como práticas culturais orientadas pela perspectiva de uma unificação territorial aos ideais eurocêntricos, disseminados pelas metrópoles através da promoção de estratégias de divisão. Ressaltando-se que para o alcance de tais objetivos, entram em cena os meios de comunicação promovendo a nacionalização das massas. Nasce assim, uma cultura, quase em sua totalidade urbana, focada no valor econômico tendo o populismo como a estratégia política de manobra de 1930 a 1960.



Dessa forma, tanto o "desenvolvimento desigual" e a desigualdade provocada pelo capitalismo, quanto à "descontinuidade simultânea", vieram à tona na América Latina, caracterizando um processo de modernização doloroso e desumano. Porque empurra o povo aos movimentos pela igualdade social e política, mas ao mesmo tempo o faz se debater, sem compreender o processo de homogeneização e uniformização cultural imposto pela força dominadora revelada através da comunicação de massa.

Acredita-se que é justamente por compreensão da realidade pelo autor Ribeiro, que a obra *Lunaris*, apresenta o perfil que tem de escrita. Entendendo que a subjetividade se configura por uma tomada de posição política, a partir da denúncia dos efeitos ocorridos na cidade após a implantação de tal pensamento. Dando a literatura contemporânea a função de lidar com a crueza dos conteúdos.

Ao compreender que o povo ocupa um lugar bastante contraditório dentro da modernidade e que a chamada democratização das sociedades contemporâneas só pode ocorrer através da circulação de bens e mensagens, compreende-se também que o acesso a esse tipo de informação ainda ocorre de modo desigual, o que não ajuda o povo a se posicionar de forma crítico pensante diante desses fatos.

Neste sentido o texto do autor ampara a discussão desenvolvida, visto que a Literatura contemporânea tem mantido uma estreita relação com a vida urbana, apontando este cenário com um ambiente mutável, no qual a ficção se espelha. Por isso se estabeleceu como viável o trajeto de discussão referendado nos teóricos acima apresentados.

Visto que, tem-se com a pretensão dar visibilidade e identificar aspectos da produção literária contemporânea que toma como posse do espaço urbano caracterizado como labirinto social de relações interculturais, através das quais as relações humanas se desumanizam dando lugar a um novo homem que experiencia os conflitos gerados pela nova ordem social e o deslocamento para outras realidades como sugere Martin-Barbero ao abordar a força da cultura de massa e do poder ideológico que movimenta a cidade e a faz se dispor de um novo perfil que se choca a sensibilidade simbólica daqueles que a constitui em maior número como habitante, mas pouco referendado porque não faz parte da cúpula dirigente.

Por entender que o romance de Carlos Ribeiro interage com as expectativas da época em que foi escrito/publicado, desafiando-as no que tange à valorização do de suas práticas culturais. No entanto, no século XXI, ainda que a temática seja pertinente e atual, a natureza dessa narrativa ficcional compete em desvantagem com as múltiplas linguagens e as marcas da visualidade que desenham as bordas do panorama cultural contemporâneo.

Não se quer aqui trazer o texto literário como registro fiel da realidade, todavia não se pode deixar de lembrar que através do recurso da verossimilhança, a mesma adentra das histórias narradas legando-lhes um rastro de pistas que ao serem percebidas pelo leitor lhe permitem o traçar de um dado contexto envolto em uma série de dados dessa realidade, possíveis de serem investigados e caracterizados como existentes, mas não tal qual o que se tem. Embora, em algumas situações fique muito difícil divisar onde a realidade e a ficção começam e terminam devido a tamanha similaridade existente.

Nesse sentido, este estudo centra o olhar na identificação e seleção de cenas constituintes do romance *Lunaris*, que permitam refletir sobre o espaço urbano e sua força demolidora de subjetividades. Exemplificando, lê-se em *Lunaris*: “Ele mudara ou foi a cidade que se deixou conspurcar ao ponto de ficar esvaziada de todas as sua potencialidades, dos seus sonhos, da sua utopia” (RIBEIRO, 2007, p. 15).

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Dessa forma, pode-se pensar uma leitura a partir da vertente da perda de referência, porque se prima pela expulsão do espaço delimitado para uma desorganização urbana, sendo que esse deslocamento territorial provocará também, por sua vez, uma fragmentação do sujeito que tomará a cidade agora como espaço alheio, onde se dá toda construção de relações e ao mesmo tempo a sua expurgação, visto que, há formação e formatação de novas referências culturais e identitárias.

Mas, observa-se que o modelo de cidade, ordenado, promissor, progressivo, onde cada cidadão responde por um papel definido, não se apresenta na perspectiva contemporânea. Percebe-se a transposição desse paradigma para uma visão da cidade como Babel – local de desordem social, estrutural, de poucas referências definidoras.

A cidade retratada na obra *Lunaris* se mostra rica em patrimônio histórico arquitetônico, porém somente na fachada. Uma vez que, para muitos soa apenas como local de segregação, do esfriamento das relações interpessoais, da hierarquização de lugares e classes sociais. Nota-se inclusive que a fundação da cidade se dá sobre pilares que ocultam as verdadeiras realidades, como a violência que só é vista pelo lado físico-social negando olhar mais desnudo para a violência simbólica, que dentro da urbanidade assume a forma mais perversa de exclusão.

Para Dalcastagnè, “é a essa violência que costumamos fechar os olhos e que a literatura, ou ao menos parte dela, insiste em nos fazer ver” (DALCASTAGNÈ, 2003, p. 22). Fato que a literatura reflete através de textos mais politizados. Como é o caso da obra *Lunaris* frente às demandas que concorrem contra o crescimento da autonomia cidadã. Ilustrando esse aspecto toma-se o fragmento

da obra a seguir: “Era horrível o que a vida – seria melhor dizer: o Sistema – fazia com as pessoas, destruindo todos os seus sonhos, pulverizando toda a beleza e a juventude, e todas as potencialidades e possibilidades negadas. Que desperdício!” (RIBEIRO, 2007, p. 15) A obra denuncia essa violência mascarada nas atitudes diárias das pessoas que não conseguem perceber o quanto estão sendo subjugadas.

Refletindo esse espaço caótico e louco da contemporaneidade, o homem urbano configura-se como um sujeito fragmentado que nas suas relações pessoais e interpessoais, coloca-se em posição de acompanhar a velocidade com que os fatos ocorrem, buscando sempre estar no meio da multidão. Entretanto sua condição social o impulsiona ao isolamento, mesmo quando está cercado por inúmeras pessoas.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. Europa 1500-1800. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. A cultura de massa e a indústria cultural. In: *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2005. p. 288-305.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. In: *IPOTESI. Revista de Estudos Literários*. v. 7, n. 2. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003. p. 11-28.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- MALINNOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zaar Editores, 1975.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Os processos: dos nacionalismos às transnacionais. In: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 3ª Parte Cap. I p. 225-269.
- MIRANDA, Danilo Santos de. *Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo, (s/d)*.
- PEDRO, Fabio Costa; COULON, Olga M. A. Fonseca. *O surgimento das Cidades no Oriente Próximo*. Disponível em: [http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i\\_antiga/surgimento\\_cidades.html](http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_antiga/surgimento_cidades.html). Acesso em: 19 de jul. 2010
- RIBEIRO, Carlos. Lunarís. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007.
- SCHLLHAMMER, Karl Erick. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.



# CAUSOS, MITOS, LENDAS E IDENTIDADE ETNICORRACIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE

Carlene Vieira Dourado<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves

*Resumo:* O presente projeto de pesquisa, em sua fase inicial, objetiva identificar as representações sociais e as marcas culturais da Comunidade Quilombola de Volta Grande, município de Barro Alto-Ba, através da coleta de narrativas orais e observação participante. Propõe-se a investigar a identidade etnicorracial representada nas narrativas orais e memória quilombola. Em relação à fundamentação teórica, está sendo feita revisão bibliográfica sobre o conceito de cultura, a prática da história oral, comunidades quilombolas, raça e etnicidade. E como complementação teórica, será base para o estudo uma literatura voltada para a oralidade, uma vez que o corpus deste trabalho está focado na valorização da memória e o método para a realização deste é a história oral e sua técnica da entrevista. No que tange aos resultados, espera-se, identificar, mapear e analisar as marcas culturais da comunidade, bem como contribuir para a visibilidade e valorização da memória quilombola e para ampliar os estudos sobre o tema no universo da crítica cultural.

*Palavras-chave:* Comunidade quilombola. Crítica cultural. Identidade étnicorracial. Memória. Narrativas orais.

## INTRODUÇÃO

O interesse em realizar uma pesquisa sobre Comunidades Quilombolas não surgiu de forma aleatória, uma vez que a ideia de estudar um grupo social historicamente excluído parte de um processo ainda em fase de amadurecimento, iniciado a partir da graduação em Letras Vernáculas, há dez anos. Foi no universo das Letras, a partir do contato com disciplinas e teóricos, programas que tratavam da Cultura, sobretudo, a afro-brasileira que possibilitou e despertou o interesse por realizar esta pesquisa.

Além do registro da memória quilombola e da análise das representações culturais por meio das narrativas orais, o projeto justifica-se pela possibilidade de abrir espaço e registrar os lugares de fala dos remanescentes, refletindo sobre a consciência de sua situação enquanto grupo social historicamente marginalizado, expressa em seus discursos narrativos. O trabalho proposto se insere na linha 3- Narrativas, Testemunhos e Modos de vida.

Estudiosos sobre o tema, afirmam que a maior parte das pesquisas sobre a identidade quilombola vem sendo discutida, no Brasil, a partir da necessidade de lutar pela terra, pela conquista ou permanência em seus territórios ancestrais. A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias, garante aos remanescentes das comunidades

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II, e-mail: karlenedourado10@hotmail.com.